



SEÇÃO DOSSIÊ / ARTIGO ORIGINAL

## Pensar a formação integral de adolescentes e jovens: a cibercultura em interface com a fenomenologia-teológica de Edith Stein como caminho pedagógico

*Think about the integral formation of adolescents and young people: cyberculture in interface with Edith Stein's theological phenomenology as a pedagogical path*

Patrícia Espíndola de  
Lima Teixeira<sup>1</sup>

[orcid.org/0000-0002-5059-9571](https://orcid.org/0000-0002-5059-9571)  
[pp.patriciateixeira@gmail.com](mailto:pp.patriciateixeira@gmail.com)

Recebido em: 8 abr. 2020.

Aprovado em: 11 mai. 2020.

Publicado em: xx xxx. 2020.

**Resumo:** O presente artigo intenciona realizar uma interface entre a teologia e a educação. Para isso, busca: a) analisar a realidade das novas gerações apontada pelos próprios jovens por ocasião do Sinodo "Os jovens, a fé e o discernimento vocacional"; b) identificar os jovens como principais interlocutores do processo pedagógico pastoral; c) reconhecer o ciberespaço como ambiente social de presença e protagonismo juvenil; d) perceber a cibercultura com seus impactos na personalidade da pessoa do jovem; e e) propor um embasamento antropológico que respeite os jovens em sua integralidade trazendo indicativos formativos diante dos contextos contemporâneos. O texto fundamenta-se, principalmente, nos documentos sinodais, na posição do Papa Francisco através da Exortação Pós-sinodal *Christus vivit* e na antropologia fenomenológica-teológica da filósofa alemã Edith Stein (1891-1942). A narrativa de vida de Stein encontra-se conjugada com sua obra judaica-cristã. Tal dado é importante, pois a autora ainda em sua juventude, ao questionar-se da condição social e pessoal do ser humano, reflete e aponta caminhos para a formação integral dos jovens. Como docente e conferencista, atuou diretamente com pensadores, educadores e formadores de jovens nas mais plurais vivências: religiosas, familiares, acadêmicas e profissionais. Nesse sentido, na contemporaneidade onde adolescentes e jovens encontram-se imersos na cibercultura, pretende-se dialogar com antropologia steiniana buscando referenciais para a pedagogia pastoral atual.

**Palavras-chave:** Jovens. Cibercultura. Antropologia teológica. Pedagogia. Edith Stein.

**Abstract:** This article intends to realize an interface between theology and education. For that, we seek: a) to analyse the reality of new generations pointed by the own youth on the occasion of the Synod "The youth, the faith and the vocational discernment"; b) identify young guys as main interlocutors of pastoral pedagogical process; c) recognize the cyberspace as a presence social atmosphere and youth protagonism; d) perceive the cyberculture with its impacts on the young personality; e) propose an anthropological foundation that respect the young's integrality bringing formative indicatives in front of contemporary contexts. The text bases primarily on the synodal documents, in the position of Pope Francis through the exhortation post-synodal *Christus vivit* and the Theological-phenomenological anthropology of German philosopher Edith Stein (1891-1942). The narrative of the Stein's life is conjugated with her Judeo-Christian book. Such data is important, cause the authorship still in her youth, when questioning of the social conditioning and personal of human being, reflect and point ways to integral formation of young. As a lecturer, acted directly with philosophers, teachers and formers of youngs of most plurals experiences: religious, family, academics and professionals. In this path, in contemporaneity where young people are immersed in the cyberculture, pretend it to dialogue with Stein's anthropology searching for benchmarks to the current pastoral pedagogy.

**Keywords:** Young. Cyberculture. Theological anthropology. Pedagogy. Edith Stein.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

## Introdução

A formação das novas gerações faz parte do processo de dinamização da ação evangelizadora na Igreja. A juventude tem direito de receber as riquezas da fé cristã de modo particular e contextualizado. Entretanto, para que, de fato, ocorra uma opção pastoral "afetiva e efetiva" (CNBB, 2012, n. 85), torna-se necessária uma pedagogia dialógica com jovens contemporâneos.

Conhecer os jovens em suas realidades é condição de acolhida e promoção de vida. A mudança de época faz movimentar o cenário cultural, tecnológico, histórico, social. Altera, também, as novas expressões da vivência do sagrado, desafiando a Igreja – e a própria sociedade – ao diálogo com os novos códigos e comportamentos juvenis (CNBB, 2012, p. 16-18).

Como exemplo pedagógico-pastoral de interlocução entre Igreja-jovens, jovens-Igreja, resgata-se o processo ocorrido por ocasião do Sínodo dos Bispos: "Os jovens, a fé e o discernimento vocacional" (ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2018b). Em sua etapa preparatória, a escuta de jovens do mundo inteiro enriqueceu a pedagogia sinodal. Partindo de questionários físicos e *online*, envolveram-se jovens dos diferentes continentes em distintos contextos sociais, religiosos e pastorais. Não só aos jovens católicos oportunizou-se a participação nas respostas, mas, também, àqueles que aderem outras denominações ou, mesmo, jovens sem vinculação religiosa.

O movimento de ir ao encontro das vivências e das percepções dos jovens aponta para um paradigma mais relacional e empático ao fenômeno juvenil. A metodologia desenvolvida não se confundiu com uma verticalização restrita à discussão temática, mas propôs, de fato, um itinerário sinodal: uma experiência real de caminho trilhado conjuntamente.

Aos jovens, foi conferido o lugar central na dinâmica sinodal. Entendida como "caminhar juntos", a concretização do Sínodo parece ter cumprido seu significado em relação aos principais interlocutores. E não poderia ser diferente. Como buscar

vinculação com jovens sem que os principais atores estivessem presentes na gênese e processo?

Assim, em análise dos dados trazidos pelos questionários, foi elaborada uma síntese formulada por jovens de diferentes nacionalidades, discutida na Reunião Pré-Sinodal, ocorrida em Roma entre 19 e 24 de março de 2018. O Documento Final da Reunião Pré-Sinodal (2018a) contou com a participação de mais de 300 jovens representantes de todo mundo, com a participação de cerca de 15 mil jovens *online* através do Facebook.

O conteúdo do referido documento apresenta pensamentos, experiências e intuições juvenis diante do cenário vivido no século XXI. A pedagogia adotada oportunizou a palavra da juventude sobre ela mesma: foram jovens falando pelos jovens e através dos jovens. O texto indicou percursos para as discussões sinodais e, consequentemente, incidiu no próprio pronunciamento do magistério através da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus vivit*.

O Papa fala aos jovens e a todo o povo de Deus. Mas, para falar, primeiro, dedicou-se a escutar. Aprender a escutar a voz dos jovens é, de fato, buscar a pedagogia do encontro, como ensina Francisco em seu pastorear. O desafio presente é dar sequência ao processo, fazendo ressoar as palavras sinodais entre adolescentes, jovens e seus assessores, nas pastorais e na própria sociedade.

Nesse sentido, a *Christus vivit* afirma os jovens como o "agora de Deus".<sup>2</sup> Marca-se, assim, a opção pastoral pelos jovens, em âmbito global e local. A Exortação caracteriza-se por um colóquio visando ir ao encontro dos contextos juvenis e, também, de cada jovem em particular. O Papa Francisco fala diretamente ao coração juvenil, orientando, inclusive, seus assessores e acompanhadores, inspirando as novas formas de evangelização que envolvam mente-coração-mãos.

Segundo o pontífice, é preciso alcançar cada jovem na realidade existencial em que se encontra: o coração de cada jovem deve ser considerado uma "Terra Santa" (*Christus vivit* 67). Ele considera que, no desenvolvimento da personalidade,

<sup>2</sup> Título do capítulo III da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus vivit*.

a juventude é marcada por sonhos e relações que provocam a pensar gradualmente em um projeto de vida, lançando-se para frente, mas sem cortar as raízes, construindo a autonomia, mas não sozinhos (*Christus vivit* 137).

Segundo Francisco,

Deus é o autor da juventude e age em cada jovem. A juventude é um tempo abençoado para o jovem e uma bênção para a Igreja e o mundo. É uma alegria, uma canção de esperança e uma beatitude. Apreciar a juventude significa considerar este período da vida como um momento precioso, e não como uma fase de passagem onde os jovens se sentem empurrados para a idade adulta (*Christus vivit* 135).

É preciso construir uma ponte de diálogo, um vínculo de valorização e investimento na juventude, oportunizando o encontro com o sentido mais profundo de vida e de amizade com Deus. Por isso, acompanhar os jovens é auxiliá-los em referência de fé e nos paradigmas vivenciais.

A necessidade de acompanhamento é apontada pelos jovens e ressaltada por Francisco:

Os próprios jovens nos descreveram quais são as características que esperam encontrar em quem os acompanha, e os expressaram claramente: "As qualidades do acompanhador incluem: ser um autêntico cristão comprometido com a Igreja e com o mundo; que busque constantemente a santidade; que compreenda sem julgar; que escute ativamente as necessidades dos jovens e responda com gentileza; que seja bondoso e consciente de si mesmo; que reconheça seus limites e conheça a alegria e o sofrimento que todo caminho espiritual implica" (*Christus vivit* 246).

Como característica especialmente importante, sinalizam o reconhecimento da sua própria humanidade, como seres humanos passíveis de erros. Sugere que os acompanhadores não sejam colocados "em um pedestal", visto que esses, quando caem, provocam um impacto devastador no envolvimento juvenil. Outro acento essencial é assumir que a Igreja "faz-se" com os jovens e não os colocando diante de um "sempre se fez assim".

Dentre tantas provocações trazidas pela metodologia, conteúdo e Exortação Pós-sinodal, a discussão antropológica diante dos novos cenários juvenis perpassa em diferentes aspectos: seja na questão da pessoa do jovem, das relações grupais, da in-

serção social e da cidadania global; seja na vivência da interioridade, formação humana e ética cristã.

Por isso, como eixos norteadores para essa temática, o presente texto analisa inicialmente a multiplicidade dos contextos juvenis contemporâneos, em que os jovens são protagonistas de um novo tempo, onde o híbrido físico e digital são facetas de uma mesma realidade. Em seguida, discorre-se sobre a questão antropológica frente ao ciberespaço, expandindo a ótica antropocêntrica para a teocêntrica.

Diante dessa problemática, aponta-se como caminho pedagógico pastoral, a articulação antropológica a partir da fenomenologia-teológica de Edith Stein. A filósofa contemporânea, subsidia a interlocução humano-divino, sobretudo com jovens, visto que parte importante de sua obra foi direcionada aos formadores, educadores e aos próprios jovens universitários. Além disso, sua narrativa enquanto jovem universitária e docente no período entre as grandes guerras mundiais, acaba por gerar um diálogo integrador sobre o sentido da vida humana cristã.

Se a atualidade apresenta o desafio de uma formação integral, é preciso pensar na pedagogia do encontro *com* os jovens em interlocução, assim como o Papa Francisco salienta. Para isso, torna-se relevante buscar pensadores que possam contribuir teoricamente com seus embasamentos e saberes, mas tanto mais, se esses estiverem enriquecidos com suas vivências, como é o caso de Edith Stein.

## 1 A multiplicidade dos contextos juvenis contemporâneos

A inovação contemporânea apresenta um novo mundo do qual os jovens certamente são os maiores protagonistas: o ambiente digital. A própria *Christus vivit* aborda o desafio de alcançar a juventude nessa multiplicidade de contextos:

A *web* e as redes sociais criaram uma nova maneira de comunicar e criar vínculos, e "são uma praça onde os jovens gastam muito tempo e são facilmente encontrados, embora o acesso não seja o mesmo para todos, particularmente em algumas regiões do mundo. De qualquer forma, constituem uma oportunidade extraordinária de diálogo, encontro e intercâmbio entre pessoas, bem como de acesso à informação e ao conhecimento (*Christus vivit* 87).

Francisco indica a necessidade de a pedagogia pastoral aprender a habitar o mundo digital. Seria limitado perceber a *web* somente em um instrumento de comunicação, mas amplia-se a ótica ao reconhecê-la como uma nova forma de vivência onde os jovens têm maior domínio com a linguagem e a ambiência (ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2018b, p. 21).

A geração de jovens contemporâneos tem a virtualidade como parte integrante de sua vida. Nas redes sociais, vive-se o protagonismo e a socialização digital. As trajetórias juvenis envolvem a conectividade e marcam uma nova forma de presença no mundo e no próprio ser e estar na Igreja. O ambiente digital possibilita a vivência em um contexto de participação sociopolítica e cidadania ativa. Além disso, apresenta uma dinâmica de circulação de informações, expondo as violações de direitos humanos. A *web* hoje, representa um lugar irrenunciável para alcançar os jovens e envolvê-los, em iniciativas e atividades pastorais (*Christus vivit* 87).

O impacto do ambiente digital na personalidade é sentido em larga escala pelos jovens atuais. Os *nativos digitais*<sup>3</sup> conhecem e usam a linguagem do "novo continente" e são atingidos por ela. Os jovens contemporâneos cresceram em uma cultura em que emergiu a inovação tecnológica. No contexto de muitos, a vida *online* e *offline* não estão separadas, mas conjugadas em uma realidade híbrida: *onlife*.

Enquanto para alguns a tecnologia tem enriquecido nossas relações, para muitos outros têm gerado uma forma de dependência, tomando o lugar das relações humanas e até mesmo da relação com Deus. Mesmo assim, a tecnologia é considerada parte integrante da vida dos jovens e deve ser entendida como tal. [...] O impacto das mídias sociais na vida dos jovens não pode ser desvalorizado. As mídias sociais são parte integrante da identidade dos jovens e do seu modo de viver (ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2018a, p. 6).

Porém, essa geração convive e é formada por adultos menos familiarizados com a realidade da *web*. Os *imigrantes digitais* nasceram em tempos

*pré-internet* ou foram apresentados paulatinamente aos recursos tecnológicos enquanto esses eram desenvolvidos. Com as diferenças intergeracionais, mantém-se a essência da promoção da vida e a dignidade de cada jovem em si, seguindo a urgência em compreender os contextos digitais para melhor acompanhá-los.

O Papa Bento XVI já sinalizava em sua mensagem "Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização",<sup>4</sup> quando referia que o ambiente digital não é um mundo paralelo ou estritamente virtual, mas faz parte da realidade de muitos, especialmente dos adolescentes e jovens. Como fruto de interação humana, as redes sociais trazem novas formas às dinâmicas relacionais (BENTO XVI, 2013).

A *web* apresenta-se como um lugar irrenunciável para o diálogo com os jovens, visto que essa é a sua grande praça de encontro. Se, por um lado, pode-se apontar para as luzes e as sombras presentes nas dinâmicas da conectividade; por outro, é fundamental aprender com a própria juventude, a navegar e a habitar no ciberespaço.

## 2 A questão antropológica frente ao ciberespaço

Para auxiliar na reflexão sobre a pessoa do jovem em sua singularidade e contextos frente à virtualidade, acentua-se o ciberespaço não somente como uma interconexão de máquinas e de recursos, mas como um fenômeno comunicativo e cultural, como uma cibercultura.<sup>5</sup>

Segundo Pierre Lévy (1999), a cibercultura expressa o surgimento de um novo modo de viver provocado pelo advento da *internet* (LÉVY, 1999, p. 15).

O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17).

<sup>3</sup> Os termos "nativos digitais" e "imigrantes digitais" são encontrados na obra do norte-americano de Marc Prensky (PRENSKY, 2001, p. 1-6).

<sup>4</sup> Mensagem de 12 de maio de 2013.

<sup>5</sup> Abordagens trazidas pelo filósofo e sociólogo francês radicado no Canadá, Pierre Lévy.

A palavra virtual deriva do latim medieval *virtualis*, significando força, potência. Pode-se exemplificar através da imagem de uma árvore que está virtualmente presente na semente. Em termos filosóficos, o virtual não se encontra em oposição ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferente (LÉVY, 1999, p. 11).

O mundo virtual apresenta, aos seus nativos e *imigrantes*, diversos contextos subjetivos: a distinção entre o original e a cópia, as noções de unidade, identidade e localização. Além disso, faz emergir a comunicação horizontal: sem fronteiras rígidas, nítidas, sem interioridade definível (LÉVY, 1999, p. 48).

Os jovens habitantes desse espaço dinâmico acostumam-se a mais horizontalidade nas relações, à pluralidade nas linguagens, às navegações transversais, à possibilidade de autoinvenção. Tal realidade provoca o (re)pensar a humanidade, o humano, a pessoa e suas relações. Um novo "espaço antropológico" é aberto, e a multiplicidade cibercultural permite inúmeras significações.

Uma pedagogia pastoral em interface com essa realidade tecnológica de protagonismo e de inserção juvenil desafia a permanência de uma visão antropocêntrica, em que a transcendência se encontra esculpida segundo o espírito humano:

Apresentamos a perspectiva de uma teologia transformada em antropologia. Continua tratando-se de aproximar o humano da divindade (e que outro objetivo conferir a uma arte que valha a pena?), mas, dessa vez, permitindo a coletivos humanos reais e tangíveis construir juntos um céu, céus, que só devem sua luz a pensamentos e criações daqui de baixo. O que foi teológico torna-se tecnológico (LÉVY, 1999, p. 83).

Nesse sentido, tal visão requer uma antropologia integral e integradora que seja esteio para a formação dos jovens e os coloque diante de si, do outro, da transcendência e de todo o mundo natural. Provoca caminhar em direção de uma pedagogia pastoral que dialogue com a exterioridade, mas, principalmente, que alcance a interioridade.

O ser humano não tem por única medida a si próprio ou ao ambiente em que habita. O caminho tecnológico digital não tem volta e não tem porque ter, pois pode produzir um grande bem

evangelizador, sobretudo das juventudes. O que está em jogo não é a opção de evangelização de jovens no ciberespaço, mas, sim, se, diante da cultura sem fronteiras oferecida nesse espaço, pode-se promover e fazer questionar os elementos de dignificação dos bens humanos e eternos que incidem na personalidade e na pertença comunitária à luz do cristianismo.

Assim, uma pedagogia que atinja a essência do humano na pessoa humana poderá apontar para os princípios transcendentais de eternidade. Se o divino adentra o humano na realidade em que está inserido, também adentra o ciberespaço através da vida humana presente ali. Aos jovens, tal pedagogia acentua a interlocução necessária no processo de autoconhecimento, conhecimento do outro, da significação da vida, do mundo das coisas, do ambiente natural e do próprio transcendente enquanto Pessoa-Deus.

Por isso, pensar a formação de adolescentes e jovens, requer expandir o *ethos* através do cuidado com o humano, como alerta Bento XVI: se o progresso técnico não corresponde a um progresso na formação ética da pessoa, no crescimento de sua interioridade, então não é um progresso, mas uma ameaça para a pessoa e para o mundo (*Spe Salvi* 22). Nesse sentido, caso a formação não envolva uma pedagogia integral na ética do ser e do conviver, articulando a realidade física e digital, acabaria por ter uma visão parcial e reducionista do humano e de suas relações.

Os próprios jovens alertam para os perigos da hiperconexão em ambiente digital: "Embora vivamos em um mundo hiperconectado, a comunicação entre os jovens permanece limitada a grupos de pessoas que pensam como eles" (ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2018a, p. 6). Isto é, mesmo dentro da interconexão digital, com novo formato, o comportamento em grupos de pares pode seguir presente.

Na reunião pré-sinodal, os jovens consideram:

Frequentemente, os jovens tendem a se comportar nos ambientes *online* diferentemente de como se comportam nos ambientes *offline*. É necessário oferecer uma formação aos jovens de como ter uma vida digital sadia. As relações *online* podem se tornar desumanas. Os espaços digitais nos deixam cegos para

a fragilidade do outro e impedem um olhar profundo (ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2018a, p. 7).

A relevância da temática denota aos jovens que “a tecnologia pode ser nociva à dignidade humana se não é usada com conhecimento e prudência: a dignidade humana deve sempre guiar o uso da mesma” (ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2018a, p. 7). Nesse sentido, o conteúdo antropológico cristão pode embasar uma pedagogia pastoral que coloque o ser humano como primazia. Não isolado em si mesmo, mas conducente: da superficialidade existencial para a profundidade do encontro com a verdade de si, do outro e com Deus – Caminho, Verdade e Vida – também por meio da *web*.

### 3 A antropologia fenomenológica-teológica de Edith Stein em interlocução com a geração digital

A interconexão da vida *onlife* não está somente na esfera de interligação entre equipamentos, mas na esfera humana. São pessoas conectando com pessoas; comunidades, formando grupos humanos em rede; novas formas de comunicação e expressão do humano. São algoritmos presentes, tecnologias inovadoras, novos cenários e tendências, mas tudo isso envolve pessoas em seu curso existencial.

Refletir sobre o fenômeno juvenil e a sua habitação no ciberespaço torna-se cada vez mais fundamental, tanto para pensar a formação integral dos jovens, quanto a consciência do humano e do divino presente nessa realidade.

Como opção de abordagem para esse debate, pode-se pensar na antropologia fenomenológica-teológica da alemã, Edith Stein (1891-1942). Como uma filósofa que viveu na primeira metade do século passado poderia contribuir?

- a) *primeiro*, através de sua vivência em busca da verdade. Os próprios jovens pedem exemplos de vida com sentido que os inspirem, dizendo-se mais receptivos diante de “uma narrativa de vida” (ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2018a, p. 9);
- b) *segundo*, com seus estudos antropológicos que aliam razão e fé, formação da personalidade e vivência comunitária e interface entre a natureza e a graça;
- c) *terceiro*, em unidade com a própria Igreja que legitima suas considerações. Edith Stein figura entre autores ocidentais que contribuíram para a interação entre a teologia e a filosofia, de acordo com o parágrafo 74 da Carta Encíclica “*Fides et Ratio*” do Sumo Pontífice João Paulo II.

#### 3.1 Uma jovem em busca da verdade

Edith Stein aponta para uma antropologia fenomenológica, mas também teológica-pedagógica.<sup>6</sup> Sua obra é entrelaçada com sua vida. Na adolescência, abandonou o contexto religioso de seu lar, afastou-se da escola e questionou fortemente a realidade, sobretudo quanto aos direitos humanos e sociais. Acabou por ingressar na Universidade de Breslávia, onde desenvolveu o conhecimento multidisciplinar nas ciências humanas.

Conheceu o pensamento fenomenológico de Edmund Husserl (1859-1938);<sup>7</sup> e transferiu-se para Gotinga para estudar o método considerado inovador. A transição para o século XX foi marcada socialmente pelo utilitarismo, positivismo e subjetivismo. Edith Stein acabou por ser assistente do expoente da fenomenologia, integrando o influente grupo de fenomenólogos alemães do início do século passado.<sup>8</sup>

Como parte da primeira geração de mulheres universitárias europeias, lutou pelo voto e inserção

<sup>6</sup> Conforme encontramos em subtítulo: “Tarea de una antropología teológico-pedagógica” no último parágrafo do capítulo IX da obra *Estructura da pessoa humana*, na tradução do espanhol: STEIN, Edith. *El Ser Social de la Persona*. In: URKIZA, Julien; SANCHO, Francisco Javier (org.). *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vitória: Ediciones EL Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 749. (Coleção Obras Completas, v. 4.)

<sup>7</sup> Edmund Gustav Albrecht Husserl associou o método intuitivo ao método discursivo, buscando através da redução fenomenológica, a recondução ao sentido fundante, à essência do fenômeno.

<sup>8</sup> A pesquisa antropológica de Edith Stein torna-se original, na medida em que faz uma interface com a fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938); com outros filósofos contemporâneos, como Max Scheller (1874-1928) e Jacques Maritain (1882-1973); com a pedagogia de Maria Montessori (1870-1952); com os pensadores cristãos medievais, como Agostinho, *Duns Scotus* e Tomás de Aquino; e com a teologia mística carmelita em Teresa D’Ávila e João da Cruz.

profissional da mulher na sociedade. Na conjuntura da I Guerra Mundial, como jovem universitária, em meio ao seu trabalho doutoral, Edith Stein atuou como enfermeira da Cruz Vermelha<sup>9</sup>. Sua tese de doutorado é considerada um texto bastante original, onde discute o problema da empatia.

Suas reflexões e vivências a conduziram ao encontro do fenômeno da pessoalidade humana e ao fenômeno da existência da humanidade. Revelou-se como uma jovem filósofa em busca da verdade. A intergeracionalidade esteve presente no desenvolvimento de sua obra, visto que influenciou e foi influenciada por pensadores jovens e maduros.

O cristianismo entrou na vida de Stein a partir do pensamento e da postura ética de filósofos cristãos com quem convivia. Aos 30 anos, recebeu o batismo na fé católica. Entre 1922 e 1932, lecionou e realizou conferências, principalmente nas áreas de Filosofia da Educação, Pedagogia, Antropologia e Cultura alemã.

A vigência da lei nazista, que proibia judeus em cargos públicos, a partir de 1933, destituiu-a de suas atividades profissionais. Preocupou-se profundamente com a perseguição e a violação dos direitos humanos que ocorria, chegando a escrever ao Papa Pio XI.<sup>10</sup> Expressou ao pontífice que a vivência do cristianismo se configura com a proposta do Evangelho de defesa da dignidade de toda a vida humana. O olhar às realidades e a atuação social de Edith Stein, pode dialogar com a pedagogia mente-coração-mãos, proposta pelo Papa Francisco.

Em 1934, recebeu o hábito carmelita ao in-

gressar no Mosteiro de Colônia, sob o nome religioso de Teresa Benedita da Cruz. A vida como monja inspirou-a ainda mais na contemplação, na formação religiosa da juventude e no acento teológico e místico da pedagogia do encontro com Deus na interioridade humana.

Em 9 de agosto de 1942, Stein foi morta na câmara de gás em Auschwitz-Birkenau, mas somente em 1950 houve a declaração oficial do governo de sua execução. Após sua morte, pode-se sinalizar alguns movimentos pontifícios de reconhecimento à Edith Stein por seu itinerário: sua canonização conduzida no pontificado de João Paulo II;<sup>11</sup> a visita de Bento XVI à Auschwitz, em 2006<sup>12</sup> e a citação na *Gaudete et exsultate*, do Papa Francisco, onde o texto "Vida escondida e epifania" é referido às pessoas que vivem o seu dia a dia a promover o bem na simplicidade.<sup>13</sup>

Em atividades eclesiais, Edith Stein é relacionada ao contexto juvenil em diferentes momentos, mas salienta-se sua escolha como Padroeira da Jornada Mundial da Juventude de Colônia, em 2005, citada como aquela que buscou apaixonadamente a verdade, colocando suas capacidades intelectuais ao serviço da fé (*Mensagem do Papa João Paulo II na XIX Jornada Mundial da Juventude*).

### 3.2 A proposta da antropologia steiniana: integral e integradora

A biografia steiniana apresenta a complexidade contemporânea, porém em período pré-*internet*. No entanto, assim como tantos personagens que atra-

<sup>9</sup> Prestou serviço no hospital militar de Mährisch Weisskirchen, na Morávia – atualmente, parte da República Checa.

<sup>10</sup> "Santo Padre! Como filha do povo judeu, que, por graça de Deus, há onze anos é filha da Igreja Católica, ousou expressar ao Pai da cristandade o que preocupa milhões de alemães. Há semanas somos espectadores, na Alemanha, de advertências que contêm um total desprezo pela justiça e pela humanidade, para não falar pelo amor ao próximo. [...] Tudo o que aconteceu e acontece, cotidianamente, vem de um governo que se define "cristão". Não somente os hebreus, mas também milhares de fiéis católicos da Alemanha e, considero de todo o mundo, há semanas esperam e têm esperança de que a Igreja de Cristo faça ouvir sua voz contra tais abusos do nome de Cristo [...]. STEIN, Edith. Introducción General. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier (org.). *Obras Completas*. v. 4. Vitória: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. p. 29.

<sup>11</sup> "[...] a mensagem da Cruz entrou no coração de muitos homens e mulheres, transformando a sua existência. Um exemplo eloquente dessa extraordinária renovação interior é a vicissitude espiritual de Edith Stein. Uma jovem em busca da verdade, graças ao trabalho silencioso da graça divina, tornou-se santa e mártir: é Teresa Benedita da Cruz, que hoje repete do céu a todos nós as palavras que caracterizaram a sua existência: "Quanto a mim, que eu não me glorie, a não ser na cruz de Jesus Cristo". Hoje, [...] na Praça de São Pedro, é-me dado apresentar solenemente esta eminente filha de Israel e filha fiel da Igreja como Santa perante o mundo inteiro". JOÃO PAULO II. *Homília do papa João Paulo II na cerimônia de canonização de Edith Stein*.

<sup>12</sup> "Senti como um dever íntimo deter-me de modo particular também diante da lápide em língua alemã. Dela emerge diante de nós o rosto de Edith Stein, Teresa Benedita da Cruz: judia e alemã desaparecida, juntamente com a irmã, no horror da noite do campo de concentração alemão-nazista; como cristã e judia, aceitou morrer juntamente com o seu povo e por ele: os alemães que então foram conduzidos a Auschwitz-Birkenau e aqui morreram como o refúgio da nação. Mas agora nós reconhecemo-los com gratidão como as testemunhas da verdade e do bem, que também no nosso povo tinha desaparecido. Agradecemos a essas pessoas, porque não se submeteram ao poder do mal e agora estão diante de nós como luz numa noite escura". BENTO XVI. *Discurso do santo padre durante a visita ao campo de concentração de Auschwitz-Birkenau*. Roma, 2006.

<sup>13</sup>

vessam décadas e séculos inspirando gerações, a trajetória de Edith Stein remete ao pensar na vida em seu caráter transcendente. Hoje, quase 80 anos após sua morte, com todo o advento tecnológico impulsionado na segunda metade do século XX, sua vida e obra inspiram e seguem ainda mais relevantes, o que a torna um modelo antropológico diante da realidade híbrida da vida *onlife*.

Os tempos atuais seguem o fluxo do impacto social de desumanização e desconfiguração da pessoa. O ciberespaço, por mais que seja uma grande oportunidade, encontra-se em seus primeiros tempos de ambiência e de aprendizagem. Tal dado requer atenção às questões antropológicas. A virtualização juvenil expande-se nas infinitas possibilidades: afeta as formas de informação e de comunicação, os corpos expostos, os perfis criados e recriados, e a coletividade nas redes sociais fazem pensar também no *ethos*, nos quadros da sensibilidade, nos estruturantes cognitivos, na compreensão de espaço e de tempo. A virtualidade impacta nas modalidades relacionais, no estar junto digitalmente, na constituição do "eu", "tu" e "nós" (LÉVY, 1999, p. 11).

Assim, a antropologia steiniana desenvolvida no período de grande crise existencial e fragilidade das relações empáticas, que maculou e ceifou inúmeras vidas juvenis, auxilia no pensar antropológico da formação de adolescentes e jovens.

O diálogo com a obra steiniana expressa a busca pelo fenômeno humano, indo ao encontro de sua essência de humanização. Enquanto postura metodológica, a fenomenologia busca abarcar o sentido dos fenômenos (ALES BELLO, 2006, p. 26); e interessando-se em perceber quem e porquê se busca o sentido (ALES BELLO, 2006, p. 36). O fenômeno humano para Stein se caracteriza, portanto, pela consciência de ser pessoa, finita e eterna, singular e comunitária.

A compreensão da integralidade do ser pessoa imprime o caráter da unidade e totalidade: corpo e alma. A inteireza do ser, corpo e alma, encontra-se integrada a um todo maior – à família, à comunidade, à sociedade, à humanidade e ao próprio mundo natural.

Na ótica steiniana, o corpo humano distingue-

-se entre corpo físico/massa corpórea (*Körper*) e corpo próprio/corpo animado (*Leib*).

O que é corpóreo nunca é apenas corpóreo. O que diferencia o corpo animado (*Leib*) de uma simples massa corpórea (*Körper*) é a existência de uma alma. Onde existe um corpo animado, existe também uma alma. Reciprocamente, onde existe uma alma, existe também um corpo animado. Um objeto físico sem alma é apenas uma massa corpórea e não um corpo animado vivo (STEIN, 1996, p. 383).

De acordo como Stein, o ser humano é sensível, vital e espiritual: corpo-psique-espírito. Nessa perspectiva, caracteriza a alma,

[...] como a união entre psique e espírito. É uma dualidade, que não significa duas partes separadas, mas unidades sem contrastes, que acontece no âmago do ser. Portanto, a alma é uma unidade complexa que engloba os aspectos psíquico e espiritual, que são diferenciados entre si, mas intrinsecamente unidos. O corpo humano é um corpo vivo que tem uma alma viva (SBERGA, 2014, p. 117).

De acordo com Edith Stein, o espírito compreende o intelecto, os sentimentos duradouros, a intencionalidade, a consciência, a liberdade, a responsabilidade e a vontade.

O espírito responde ao sentido mais interior que habita no ser humano. É do humano, também, a presença de motivação. Motivação para Edith Stein invoca a força motriz, como uma lei do espírito que age como motor vital e transcendente. As leis de causalidade e de motivação andam conjugadas na interioridade do "eu".

Assim, ser pessoa não é ser algo, mas é ser alguém. Alguém que se refere a si mesmo como um "eu" único e irrepitível (STEIN, 2003, p. 648). A interioridade do ser "eu", a identidade singular da personalidade apresenta a capacidade relacional de abrir-se ou fechar-se a outro "eu" e às realidades distintas, através de um movimento intersubjetivo e transcendente.

A percepção dos valores eternos e da intencionalidade do "eu" articulam-se aos valores comunitários, do "outro" e do "nós". Pensar na responsabilidade social, inclusive em ambiente digital, implica no *phatos* – a empatia como fundamento ético do gênero humano como comuni-



dade universal. A fenomenóloga "ao tematizar o problema da empatia, assume uma questão tão nova quanto antiga na tradição do pensamento filosófico, teológico e poético, a saber a questão do *phatos* e todos os seus desdobramentos" (PERETTI; DULLIUS, 2018, p. 5).

Nesse sentido, Edith Stein reconhece o ser humano como um "eu" integrado: um microcosmos relacionado ao macrocosmos. O elo humanitário está naquilo que identifica enquanto gênero humano e na missão que cada pessoa e cada comunidade têm a realizar em resposta ao mundo.

Segundo a filósofa, "o indivíduo humano isolado é uma abstração. Sua existência é uma existência no mundo, sua vida, uma vida em comum" (STEIN, 2003, p. 713). Ser pessoa é também ser comunidade. Através da empatia (*Einfühlung*),<sup>14</sup> a pessoa é capaz de reconhecer no outro um semelhante: diferente, mas com igual dignidade de pessoa.

Empaticamente, pode-se conviver e coexistir em alteridade, constituindo a comunidade. No fenômeno comunitário, o "eu" torna-se relacional, permanece em si, saindo de si. O ser empático não é fechado em si mesmo, mas possui movimento intersubjetivo em direção ao outro "eu".

Para Edith Stein, é preciso pensar não só na pessoa, mas em sua formação. Na pedagogia com a juventude, é preciso considerar a integralidade de seus contextos. A fenomenóloga cristã pauta a formação humana ocorrendo "desde dentro", onde o "eu" é livre (não livre *de* qualquer intercorrência, mas livre *para* responder as intercorrências).

Sobre a alma humana – que, por vezes, a autora vai referir-se como psique-espírito e, outras vezes, somente na dimensão do espírito – é manifestada no corpo vivo (*Leib*). A formação "desde dentro" passa por esse corpo vivo, anímico. Para Edith Stein, a interioridade possui a "alma da alma" como o núcleo singular da essência da personalidade:

Alcançar esse núcleo significa reconhecer a própria identidade, o que possibilita um contínuo recomeçar a partir do que verdadeiramente somos. Esse contínuo movimento de retomada faz com que preservemos o nosso

modo particular de ser, impedindo que sejamos meramente condicionados pelo ambiente em que estamos inseridos (ALFIERI, 2014, p. 15).

Segundo Edith Stein, pensar a formação cristã é pensar no processo de autoconhecimento, no qual a pessoa reconhece em si, a imagem do Sentido Eterno. Segundo Stein, a pessoa possui predisposição aos bens eternos em sua interioridade:

Em toda criatura de Deus se encontra um desejo natural de Deus, seu princípio e meta. Se encontra em todo coração humano em forma de desejo de felicidade, de anseio de pureza e bondade, inclusive onde não existe nenhum conhecimento de Deus. [...] A ânsia natural de bondade e a predisposição sobrenatural a vida eterna são sementes que precisam ser cuidadas, e sem este cuidado podem chegar a atrofiar-se (STEIN, 2003, p. 114-115).

Aos jovens, Edith Stein afirma que a fé católica não se encontra somente no convencimento da existência de Deus, mas na experiência de encontro com Deus. A formação deve ajudá-los a encontrar a verdade revelada que os faz entender o que são e o que são chamados a ser nesse mundo (STEIN, 2003, p. 423). Por isso mesmo, o percurso formativo deve ocorrer entrelaçado com o itinerário de vida e com o contexto social; inclusive no contexto do espaço digital, que carece de postura autônoma, mas também empática.

A fenomenóloga reconhece que os jovens se encontram em seu peregrinar, no "*statu viae*" (STEIN, 2003, p. 426). A formação da juventude cristã necessita caminhar na diligência da pedagogia empática e transcendente, que provoca o conhecimento de si, do outro e da relação com o sagrado. Nessa concepção, a essência do ser humano busca um sentido de plenitude enquanto gênese, *statu viae* e finalidade: do *logos*, ao *Logos Eterno*.

A imagem de Deus enquanto Pessoa-Divina e do ser humano, enquanto Sua imagem, tornam presente o sentido de vida, na personalidade e na relação. Deus é uno, mas não é solidão; é trino, pois é relação. É Pessoa e Comunidade. Assim, aos jovens, a formação cristã precisa privilegiar

<sup>14</sup> A riqueza etimológica do termo *Einfühlung*, ocasiona algumas traduções como "intropatia". Nesse texto optou-se em manter o uso da tradução "empatia" em acordo com as pesquisas steinianas ocorridas no Brasil. O argumento ampara-se em: SAVIAN FILHO, *Empatia*: Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas.

espaços de experiência com Jesus Cristo, o Deus com nome e rosto e com seus ensinamentos (STEIN, 2003, p. 429).

Por essa análise global da antropologia steiniana, através da fé, o jovem é chamado ao encontro com Deus Pessoal e próximo que lhe garante a plenitude do Sentido e da sede de vida.

No documento pré-sinodal, os jovens apontam que:

Os jovens conseguem entender o sentido de dar um significado à vida e de existir no mundo por uma razão, mas muitos não sabem ligar este sentido à vocação entendida como dom e chamado de Deus (ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2018a, p. 10).

Diante das múltiplas realidades apresentadas na contemporaneidade híbrida já discutida, percebe-se os jovens manifestando os sintomas dramáticos de uma sociedade acelerada e dissociada do vínculo pessoa e comunidade. Cada vez menos empáticas, as relações sociais atingem a juventude que sente a falta de pertença nos ambientes, inclusive familiares.

Inúmeros casos de adoecimento mental, comportamentos autolesivos e ideação suicida assombram as vidas juvenis. A sede de fazer parte de algo, de pertencer ao coração de alguém, de encontrar sentido na vida é evidenciada nas falas dos jovens contemporâneos:

O sentido de pertença é um fator significativo na formação da própria identidade. A exclusão social é um fator que contribui para a perda da autoestima e da identidade, frequente em muitos jovens. [...] Além disso, é oportuno observar que a identidade dos jovens também é formada por interações externas e pela pertença a grupos específicos, associações e movimentos ativos até mesmo fora da Igreja (ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2018a, p. 2-3).

Nesse aspecto, Edith Stein contribui ao conferir a importância das comunidades formativas no acompanhamento dos jovens. Em sua obra, indica caminhos para a formação da pessoa em contextos religiosos. Um dos aspectos funda-

mentais é que, na relação com Deus, através da fé, o jovem não deve fechar-se em si mesmo: é preciso perceber o outro, viver com o outro, como a essência da conectividade.

A vivência pastoral implica o posicionamento pessoal de atenção à realidade e ao sentido comunitário. Aqui, pode-se abordar, inclusive, a forma de relação nas comunidades digitais. Quantos jovens enfrentam o *cyberbullying*, os perigos da *darkweb* ou a vida em constante *zapping* digital. Dialogando com a abordagem empática da antropologia steiniana, o próprio jovem diante do ciberespaço é provocado a repensar sua intencionalidade e, também, a assumir com consciência o que é chamado a ser naquele meio e naquela realidade.

Edith Stein percebe a formação religiosa da juventude como gesto que consiste na condução para uma fé viva que conhece, ama e serve a Deus (RUS, 2015, p. 106). Assim, não é possível subtrair a imagem de Deus comunhão. Se Deus não se apresenta como solidão, é Dele a iniciativa em invocar cada jovem em si, a participar da relação divina.

A formação, assim, pode auxiliar a explicitar um caminho de pertencimento à comunidade de fé que incidirá inclusive, nos grupos sociais da *web*, visto que intervém na consciência de ser em comum. A autora indica que a fé não será despertada por uma pedagogia pautada por aridez intelectual ou mesmo por um ensino fanático, mas por uma formação religiosa que acende o amor (STEIN, 2008, p. 102).

Edith percebe a formação como missão da Igreja: a Igreja é chamada a formar os seus.<sup>15</sup> Para Stein, a Igreja em sua formação religiosa dos jovens deve contemplar quatro elementos:

- a) possuir uma meta formativa: de que forma deve ser alcançada? Sobre a meta da formação religiosa, ela acentua: "temos que ajudar as crianças e jovens a formar-se como filhos de Deus, para que cheguem à imagem de Cristo. [...] Isso

<sup>15</sup> Em agosto de 1929, Edith Stein reflete sobre "A colaboração dos centros conventuais na formação da juventude" – *Die Mitwirkung der klösterlichen Anstalten an der religiösen Bildung der Jugend*. A conferência aborda elementos relevantes ao contexto formativo religioso e apresenta como comunidade formativa, a Igreja (STEIN, Edith. La colaboración de los centros conventuales en la formación religiosa de la juventud. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier (org.). *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vitória: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 111-120 [Coleção Obras Completas. v. 4.]).

corresponde ao caminho de seguimento de Cristo. [...] para serem membros vivos do Corpo de Cristo" (STEIN, 2003, p. 113-114). Edith Stein acredita que a meta a ser alcançada deve ser formar o outro Cristo – o *alter Christus*. Ela mesma reconhece como elevada a grandeza dessa meta, mas pontua que não se deveria pensar em nada menor, visto que se refere ao chamado recebido por todo o cristão (STEIN, 2003, p. 114);

- b) identificar o humano a ser formado: um processo de crescimento em cooperação com a graça. O "material" a ser formado é a própria pessoa, que traz na interioridade suas potências e força motriz, para chegar a formar-se em singularidade. A graça batismal traz em si as "sementes" da vida sobrenatural. Tanto o anseio natural para a bondade quanto a predisposição sobrenatural à vida eterna devem ser cuidadosamente formadas (STEIN, 2003, p. 115);
- c) perceber o trabalho *manual* e os recursos disponíveis: a formação religiosa provoca o jovem a assumir a Imagem de Cristo, por Cristo e com Cristo. Como meio formativo, encontra-se o lugar central de Cristo como pessoa e presença Eucarística. Através da Eucaristia, estreita-se a relação com o Corpo Místico de Cristo, a Igreja. A Igreja é também formadora, e com sua historicidade, atravessa os tempos, mantém a vida litúrgica, e busca a configuração à imagem de Cristo em seus filhos (STEIN, 2003, p. 115). Edith Stein recomenda a formação católica através das Sagradas Escrituras, na prática da *lectio divina* (SBERGA, 2014, p. 304). Postula que, nas palavras de Cristo, encontra-se uma força viva de transformação, na qual a alma é formada pela Palavra de Deus (STEIN, 2003, p. 116);
- d) realizar o processo de formação como processo de configuração (STEIN, 2003, p. 113); Edith Stein afirma que o catolicismo não é apenas uma "religião do sentimento", mas da Verdade e, portanto, de um assunto vital, de um assunto do coração (STEIN, 2002, p. 760).

A formação dos jovens deve compreender o amor de Jesus Cristo e o amor pelas pessoas. Quem vai em busca da Perfeição, não a quer só para si, mas para todos (STEIN, 2003, p. 120). Assim, a pedagogia pastoral conduz à configuração com o Humano-Divino através do próprio Cristo: a vivência cristã revelando o cotidiano nos Evangelhos, mas também em Sua presença eucarística e na vida da Igreja. Responder à formação religiosa nesse parâmetro faz com que o trabalho apostólico aconteça mais perfeitamente (STEIN, 2003, p. 120).

Aos jovens, em âmbitos pastorais, quanto mais centrada a pedagogia for construída na amizade com Deus, fonte de unidade e relação proximal, mais o autoconhecimento e a empatia se configuram.

Um grande desafio é reconhecermos que também no segmento da sociedade chamado juventude se encontra as sementes ocultas do Verbo, como fala o Decreto *Ad gentes*, do Vaticano II. Entrar em contato com o "divino" da juventude é entender sua psicologia, sua biologia, sua sociologia e sua antropologia com o olhar da ciência de Deus. O jovem necessita que falemos para ele não somente de um Deus que vem de fora, mas também de um Deus que é real dentro dele em seu modo juvenil de ser alegre, dinâmico, criativo e ousado (CNBB, 2012, p. 54-55).

Possivelmente, a importante contribuição da antropologia steiniana diante dos contextos juvenis e das realidades plurais contemporâneos, seja a experiência de questionar-se diante de tanta multiplicidade: "quem sou eu?", "quem sou chamado a ser?", "por que faço o que faço?", "por que penso o que penso?", "quem sou eu diante do outro?", "quem é o outro diante de mim?", "quem somos nós?", "qual o significado de Deus para mim?", "qual o meu significado para Deus?", "o que representa a Igreja em minha vida?", "o que eu represento na vida da Igreja?".

Se o ciberespaço tem o tom de infinito e provoca tantas possibilidades de respostas, pode-se pensar na formação integral e integrada *com* a nova geração, enquanto interlocução em que o mais importante seja despertar para a consciência do questionar e questionar-se em busca da Verdade e das suas decorrências como Caminho e Vida.

## Considerações finais

O artigo buscou a interlocução entre as realidades dos jovens contemporâneos, intencionando um diálogo entre os textos sinodais com a narrativa e a antropologia fenomenológica-teológica de Edith Stein (1891-1942). Observou-se como fundamental para a formação conhecer os adolescentes e os jovens na integralidade de seus contextos e na integralidade de sua interioridade.

A contemporaneidade apresenta uma imersão cultural no ciberespaço, em que os principais protagonistas são os jovens *nativos digitais*. No entanto, aos educadores, formadores e assessores juvenis, cabe o papel de acompanhamento, de caminhar conjuntamente: escutar, contribuir com o discernimento e promover a pessoa do jovem, em dignidade, singularidade e vivência comunitária. Dentre as novas formas sociais e comunitárias, certamente o ambiente digital impacta na formação da personalidade e nos relacionamentos juvenis. Abordou-se a questão da falta de sentido de vida, falta de pertença comunitária e outros desafios enfrentados pelos jovens.

Percebeu-se, na antropologia steiniana, uma obra capaz de dialogar e indicar caminhos formativos e pastorais visando às articulações pessoa e comunidade, natureza e graça, interioridade e empatia, finitude e eternidade. A filósofa judia e cristã apresenta-se com uma narrativa de inquietações juvenis e de encontro com o sentido que lhe abriu a vivência da fé em equilíbrio com a racionalidade e a inserção eclesial e social.

Conclui-se destacando a relevância em trazer às novas gerações contribuições para que elaborem as perguntas essenciais à existência e ao agir humano. Conectar-se em ambiente híbrido requer pensar na promoção da pessoa e da pluralidade. Uma pedagogia pastoral com esteio antropológico e teológico é capaz de sustentar o jovem em seu desenvolvimento integral na relação corpo-mente-espírito, intersubjetivamente na ética da empatia e no compromisso comunitário, identificando-se como imagem de Deus.

## Referências

ALES BELLO, Angela. *Introdução à fenomenologia*. Bauru: EDUSC, 2006.

ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, XV, 2018, Roma. *Documento Final da Reunião Pré-Sinodal*. Disponível em: <https://jovensconectados.org.br/documento-final-da-reuniao-pre-sinodal-agora-em-portugues.html>. Acesso em: 12 dez. 2018.

ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, XV, 2018, Roma. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional: Documento Final*. Disponível em: <http://www.synod.va/content/synod2018/pt/documento-final-del-sinodo-dos-bispos--os-jovens--a-fe-e-o-disce.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2020.

BENTO XVI. *Discurso do santo padre durante a visita ao campo de concentração de Auschwitz-Birkenau*. Roma, 2006. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060528\\_auschwitz-birkenau.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20060528_auschwitz-birkenau.html). Acesso em: 25 mar. 2020.

BENTO XVI. *Mensagem do Papa Bento XVI para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais: redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização*. Roma, 2013. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20130124\\_47th-world-communications-day.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html). Acesso em: 12 dez. 2018.

BENTO XVI. *Spe Salvi*. Roma, 2007. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20071130\\_spe-salvi.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html). Acesso em: 1 abr. 2020.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais*. Coleção Documentos da CNBB. São Paulo: Paulinas, 2012 (Documentos da CNBB, 85).

EDITH STEIN: Estudos Integradores da Pessoa Humana. Disponível em: <https://edithstein.com.br/>. Acesso em: 1 abr. 2020.

FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal para os jovens e para todo o Povo de Deus *Christus vivit*. Roma, 2019. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20190325\\_christus-vivit.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html). Acesso em: 1 abr. 2020.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*. Sobre o Chamado à Santidade no Mundo Atual. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2018. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20180319\\_gaudete-et-exsultate.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html). Acesso em: 25 mar. 2020.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Fides et Ratio do Sumo Pontífice João Paulo II aos Bispos da Igreja Católica sobre as Relações entre Fé e Razão*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1998. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091998\\_fides-et-ratio.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html). Acesso em: 19 jul. 2016.

JOÃO PAULO II. *Homília do papa João Paulo II na cerimônia de canonização de Edith Stein*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1998. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_11101998\\_stein.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_11101998_stein.html). Acesso em: 21 maio 2017.

JOÃO PAULO II. *Mensagem do Papa João Paulo II na XIX Jornada Mundial da Juventude 2004, a celebrar-se em Roma no Domingo de Ramos*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2004. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_20040301\\_xix-world-youth-day.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_20040301_xix-world-youth-day.html). Acesso em: 25 mar. 2020.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

PERETTI, Clélia; DULLIUS, Vera Fátima. *A arte de educar por uma pedagogia empática em Edith Stein*. Curitiba: Prismas, 2018.

PRENSKY, Mark. Digital Natives. Digital Immigrants. *On the Horizon*, Bradford, v. 9, n. 5, p. 1-6, out. 2001. <https://doi.org/10.1108/10748120110424816>

RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein*: aproximação a um Gesto Antropológico Integral. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

SAVIAN FILHO, Juvenal (org.). *Empatia*: Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas. São Paulo: Edições Loyola, 2014

SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014.

STEIN, Edith. Carta a Roman Ingarden. In: STEIN, Edith. *Escritos autobiográficos y cartas*. Madrid: Editorial de Espiritualidad/Vitoria; Monte Carmelo: Ediciones El Carmen/Burgos, 2002. p. 760-761. (Coleção Obras Completas, v. 1).

STEIN, Edith. El Ser Social de la Persona. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier (org.). *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. p. 712-740. (Coleção Obras Completas, v. 4).

STEIN, Edith. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier (org.). *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. p. 642-663. (Coleção Obras Completas, v. 4).

STEIN, Edith. Introducción General. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier (org.). *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. p. 29-44. (Coleção Obras Completas, v. 4).

STEIN, Edith. Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier (org.). *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. p. 421-440. (Coleção Obras Completas, v. 4).

STEIN, Edith. La colaboración de los centros conventuales en la formación religiosa de la juventud. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier (org.). *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. p. 111-120. (Coleção Obras Completas, v. 4).

STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno*: ensayo de una ascensión al sentido del ser. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 371-480.

STEIN, Edith. Vida Escondida y Epifanía. In: STEIN, Edith. *Escritos Espirituales*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007. p. 635-639. (Coleção Obras Completas, v. 5).

STEIN, *La femme*: cours et conférences. Trad. Cécile Rastoin. Paris: Cerf; Carmel; Ad Solem, 2008.

STEIN, Edith. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Porto Alegre: Paulus, 2018.

---

## Patrícia Espíndola de Lima Teixeira

Doutoranda em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em Porto Alegre, RS, Brasil. Mestre em Teologia pela PUCRS (2017). Pós-graduada em Filosofia e Autoconhecimento pela PUCRS (2020). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Porto-alegrense de Educação, Ciências e Letras (FAPA, 2007) e licenciada em Pedagogia pela PUCRS (2000). Integra grupos de estudos e de pesquisa em âmbito nacional, onde investiga a antropologia fenomenológica-teológica de Edith Stein no contexto multidisciplinar das Humanidades. Corresponsável pela produção de conteúdos do site Edith Stein - Estudos Integradores da Pessoa Humana.

---

## Endereço para correspondência

Patrícia Espíndola de Lima Teixeira

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Av. Ipiranga, 6681, Living 360°, sala 223

Partenon, 90619900

Porto Alegre, RS, Brasil